

EDITORIAL

Em março de 2020, um cessar-fogo mundial foi clamado pela Organização das Nações Unidas como forma de facilitar o combate dos países à pandemia do coronavírus. Apesar das respostas iniciais terem sido positivas pelos países em conflito, a “trégua humanitária” não perdurou e, ainda que a atenção de todos e todas estejam voltadas para a grave crise sanitária suscitada pela Covid-19 e os constantes desafios que esta apresenta à saúde pública global e aos sistemas de saúde nacionais, é necessário pontuar a continuidade da conflitualidade internacional. O vírus não silenciou as armas e a grave situação política, econômica e social vivenciada pelas populações e, em meio aos conflitos armados, se soma à incapacidade dos governantes de controlar os efeitos da pandemia e à corrida internacional pela vacinação em massa. Com o cenário crítico na saúde global, convidamos o leitor a refletir sobre a violência armada e a militarização da vida cotidiana como uma das faces mais cruéis dos conflitos contemporâneos.

Nesta segunda edição do Dossiê de Conflitos Contemporâneos, a primeira do ano de 2021, os autores se debruçaram sobre alguns velhos conhecidos, conflitos que há décadas estão presentes nas colunas de política internacional dos jornais brasileiros, que volta e meia aparecem nos noticiários diários, como é o caso da guerra na Síria, do conflito Israel-Palestina e do confronto entre as forças de segurança do Estado mexicano contra os diferentes atores armados presentes em seu território. Não obstante, também ganham destaque outros conflitos armados pouco abordados pela mídia tradicional, como é o caso da reivindicação separatistas da minoria anglófona de Camarões, do conflito pela autonomia do Saara Ocidental com a autodeterminação do povo saarauí e a luta por independência de Nagorno-Karabakh – embora este último tenha ganhado algum espaço na mídia no último ano.

Prevalece nas páginas a seguir a compreensão histórica dos conflitos e seus desdobramentos atuais, enfatizando as suas características multidimensionais e a multiplicidade dos atores envolvidos nas confrontações armadas – agentes estatais e não-estatais, nacionais e estrangeiros –, bem como o transbordamento de interesses geopolíticos protagonizados pelas potências regionais que se sobrepõem à autodeterminação dos povos e terminam por ditar, manter e agravar os conflitos internacionais. Em comum, os conflitos apresentados mostram a fragilidade das instituições, o fracasso das tentativas de resolução locais e internacionais, a falta de capacidade dos governos em promover condições dignas para sua população, bem como

proteção e segurança diante das graves violações de direitos humanos perpetradas por forças armadas nacionais.

Nesse segundo volume, o Observatório de Conflitos propõe-se ao exercício de desnaturalizar os conflitos e explorar as suas origens e motivações, ao mesmo tempo que destaca as consequências diárias que as atuais disputas armadas têm para a vida das pessoas. Em um cenário de crescente mobilidade e vigilância nas fronteiras, pensar os conflitos para além da lógica do Estado e do sistema westfaliano é um desafio que leva o leitor/a a refletir sobre a incongruência entre o Estado e a Nação. Somente a partir da identificação dos atores e de suas motivações nos conflitos é que podemos compreender a sua perenidade. Adentramos uma década de crise econômica, política, sanitária e humanitária, e o Observatório de Conflitos continuará atento aos conflitos armados contemporâneos para que, em alguma medida, possamos trazer visibilidade para os impactos dessas violências para a sociedade.

Maria A. Felix Mercadante, Vitória T. Salgado & Laurindo Tchinama
Equipe Editorial